



## A FESTA DAS LETRINHAS: DOS FOLHETOS DE ABC À POESIA INFANTIL

José Hélder Pinheiro Alves<sup>1</sup>

**RESUMO:** Discutimos, neste artigo, uma forma poética bastante antiga, conhecida como ABC, que teve, na cultura popular, notadamente na literatura de cordel, e também na recente poesia infantil brasileira, um conjunto significativo de cultores. Apontaremos aproximações e diferenças entre a abordagem dos ABCs na cultura popular e na poesia para crianças, destacando que se trata de uma forma poética que pode estimular a formação de leitores, desde que não seja utilizada como mero instrumento de alfabetização. O encantamento inicial das crianças pelas *letras* se constitui num importante mecanismo potencializador de experiências leitoras que estimulem a imaginação a partir da sonoridade e da forma de cada letra, de associações com animais, plantas, sentimentos e brincadeiras que permeiam o mundo infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de cordel; ABC; Poesia infantil; Educação literária.

**ABSTRACT:** We discuss in this article a very ancient poetic form known as ABC, which had, in popular culture, notably in the pamphlet literature, and also in recent Brazilian children's poetry, a significant number of cultivators. We will point out similarities and differences between the approach of the ABCs in popular culture and poetry for children, noting that it is a poetic form that can stimulate the formation of readers, since it is not used as mere literacy tool. The initial enchantment of children for the letters constitutes an important tool which enhances reading experiences in order to stimulate the imagination through the sound and shape of each letter, the animal associations, plants, feelings and jokes that permeate the world of children.

**KEYWORDS:** Pamphlet literature; ABC; Children's poetry; Literary education.

### Introdução

(...) a criança já traz, para a escola, uma experiência linguística que, em sua funcionalidade, é poética. A apresentação da poesia infantil na escola poderia dar continuidade a uma experiência por ela iniciada e, logo, desprezada no processo de aprendizagem. (Lígia Cademartori)

---

<sup>1</sup> Professor de Literatura brasileira, Literatura Infanto-Juvenil e Literatura popular na Universidade Federal de Campina Grande, PB. E-mail: [helderpin@uol.com.br](mailto:helderpin@uol.com.br)

Embora muito cultivado por poetas populares da denominada literatura de cordel, a tradição do ABC é, segundo Cascudo (1984), das mais antigas, tendo entre seus praticantes Santo Agostinho. O pesquisador cita a prática deste modelo de poema ao longo da Idade Média, na literatura religiosa, mas ressalta que “os ABC continuam preferidos pelos poetas do povo” (CASCUDO, 1984, p. 335). No contexto da literatura brasileira, essa forma poética foi cultivada por nada menos do que Luís de Camões, com seu ABC EM MOTOS. Escrito em tercetos setissilábicos, o poema exalta a dor de amor do eu lírico por sua Ana:

Ana quiseste que fosse  
o vosso nome de pia,  
Para mor minha agonia.  
(...)

Bem vejo que sois, Senhora,  
extremos de fermosura  
para minha sepultura.  
(...)

Eurídice foi a causa  
de Orfeu ir ao inferno;  
vós, de ser meu mal eterno.  
(...) (CAMÕES, 1982, pp. 67-8)

No âmbito da poesia para crianças, a presença do ABC, trabalhada por importantes poetas, assumiu características peculiares. Além de apontarmos proximidades e distanciamentos entre os ABCs produzidos no âmbito da literatura de cordel e os da poesia infantil, será enfatizado que esta forma poética pode ser utilizada na escola como estímulo à educação literária. Atentar para essas ligações revela, mais uma vez, como a poesia infantil mantém um diálogo profícuo com as tradições orais, embora ostente suas especificidades, sobretudo a produção contemporânea<sup>2</sup>. Ao levar esses poemas para sala de aula, o cuidado que se deve ter é o de não transformar a poesia em mero instrumento de alfabetização, muito menos apresentar o viés da cultura popular como mera peça de folclore. O que se deseja, portanto, é a descoberta das riquezas semânticas que emanam das abordagens lúdicas que presidem essas criações.

### A literatura de cordel e os ABCs

Antes da presença na literatura de cordel, poemas em forma de ABC já circulavam em diferentes pontos do Brasil. Sílvio Romero (1888) registrou vários destes poemas, possivelmente também cantados, em diferentes estados do Nordeste. Em seu livro *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*, publicado em 1888, encontramos o *ABC do Lavrador*, o *ABC do Vaqueiro* e o *ABC do Homem Solteiro*.

No âmbito das reflexões sobre literatura de cordel, os ABCs são definidos como uma “composição poética muito antiga, em que cada estrofe começa com uma letra do alfabeto” (BATISTA, 1982, p. 11). Diferentemente da poesia infantil que tematiza, predominantemente, as letras do alfabeto, o ABC se volta mais para um tema ou personagem. Portanto, as letras não são abordadas em si, na sua materialidade, como em muitos poemas infantis, conforme veremos. Para Liedo

<sup>2</sup> Sobre o diálogo da poesia infantil com a tradição oral popular, veja-se o ainda bastante atual ensaio de Pondé (1982) e, mais recentemente, Bordini (1986).

M. de Souza (1976, p. 62), “grande número [de ABCs] é de natureza biológica, discorrendo sobre a vida de grandes homens”. Por outro lado, há diversidade na utilização de estrofes nesta forma de literatura de cordel, como tercetos, quadras, sextilhas e décimas.

Embora seja verdadeira a afirmação de Souza, no entanto, se observamos um número significativo de folhetos, constatamos que a temática é bastante diversa. Um viés de destaque é o caráter social, que já comparece nos poemas recolhidos por Sílvio Romero, como se pode observar no *ABC do Lavrador*. Patativa do Assaré (2000, p. 122), em *ABC do Nordeste flagelado*, de modo marcadamente telúrico, fala dos dores da falta de chuva e de suas consequências. Observemos a letra E –

Em tudo se vê mudança  
 Quem separa até vê  
 Que o camaleão que é  
 Verde da cor de esperança  
 Com o flagelo que avança  
 Muda logo de feição  
 O verde camaleão  
 Perde sua cor bonita  
 Fica de forma esquisita  
 Que causa admiração

Outro exemplo de folheto que trabalha a questão social é o *ABC dos Tubarões*, de Minelvino Francisco da Silva, que denuncia, na primeira metade do século XX, as precárias condições dos pobres no Brasil:

Agora vou escrever  
 Para todas multidões  
 Um folheto engraçado  
 Pra todas populações,  
 A pobreza está queixando  
 Que está se acabando  
 Nas presas dos tubarões. (Apud PINHEIRO e MARINHO, 2012, p. 34)

Outro viés presente em muitos folhetos de ABC é a abordagem lúdica de determinados temas. É o que se observa, por exemplo, em *O ABC da Cachaça*, de Apolônio Alves dos Santos em que, já no início, o poeta apela para a explicação fantasiosa:

Aguardente é tradição  
 Que vem de antigamente  
 Quando um apóstolo de Deus  
 Andou como penitente  
 Chegando em uma festa  
 Pediu água deram esta  
 Ele disse: Oh água ardente.

O tom bem-humorado, diferente de outros ABCs sobre a cachaça, continua:

Mulher que bebe cachaça  
 Precisa estar bem vestida  
 Invés de usar vestido  
 Usa-se calça comprida  
 Desculpe minha proposta  
 Pra não cair descomposta

Na praça ou na avenida.

Rapaz que bebe cachaça  
 Arranja mais namorada  
 Tem mais força e energia  
 E não tem medo de nada  
 Fica alegre e divertido  
 Corajoso e destemido  
 De topar qualquer parada. (SANTOS, s/d, pp. 4-5)

Embora não seja a tônica, a brincadeira com as palavras, explorando o ludismo sonoro, sobretudo através de aliteraões, também pode ser encontrado na literatura de cordel, como neste exemplo de Ugolino Nunes da Costa:

Cama, cadeira, cabana  
 cana, cachaça, cutelo  
 cajá, castanha, caju  
 Conde condena castelo. (Apud BATISTA, 1982, p. 11)

O encantamento com as letras do alfabeto também foi trabalhada na música popular. Lembro aqui a canção de Luiz Gonzaga, *ABC do sertão*, que narra a façanha de “aprender um outro ABC”, referindo-se à dificuldade de leitura dos fonemas representados pelas letras. Já mais recentemente, Alceu Valença compôs *Forró do ABC*, em diálogo explícito com uma canção de Gonzaga.

Por certo, essas produções de ABC foram influenciadas, entre nós, pelo mais conhecido suporte de alfabetização popular, baseada no método fonético, conhecida como *A carta de ABC*.<sup>3</sup> Também importa lembrar a circulação oral de versos sobre os animais que compõem o “jogo do bicho”, bastante popular no Brasil. Apolônio Alves dos Santos (1985) escreveu o *ABC do jogo do bicho e suas revelações*, em que faz uma defesa dessa modalidade de jogo e apresenta alguns animais e seus respectivos números no jogo do bicho.

Uma sextilha de Pinto de Monteiro, cantador paraibano, chama a atenção pelo caráter reflexivo com que o poeta retoma a forma da letra **S**. Vejamos:

Eu só comparo esta vida  
 à curva da letra **S**:  
 tem uma ponta que sobe  
 tem outra ponta que desce  
 e a volta que dá no meio  
 nem todo mundo conhece.

Nos últimos anos, esta fórmula poética não vem sendo muito cultivada por artistas populares, embora compareça na obra de um ou outro poeta. Por outro lado, ao longo do século XX, vários poetas que fizeram poesia voltada para crianças lançaram mão do ABC para construir livros ou poemas.

### As Letras do alfabeto e a poesia infantil

A exploração das letras como instrumento pedagógico em nossa poesia lírica é bastante frequente. Se, nos folhetos de ABC, o eixo é quase sempre enaltecer personagens e temas, no âm-

3 Embora hoje bastante criticadas, cartilhas de ABC contribuíram enormemente para a alfabetização de milhares de pessoas simples que não tinham acesso à escola. Além do mais, algumas delas tinham uma forma que se assemelhava ao folheto de cordel e o seu preço também era bastante popular, diferentemente dos livros didáticos contemporâneos.

bito da lírica infantil, nalguns casos, é o viés do ensinamento que sobressai. O exemplo mais conhecido, nesta perspectiva, é a obra de Cecília Meireles e Josué de Castro, *A festa das letras*, publicada em 1937. Cada letra do alfabeto é explorada com nomes de frutas, legumes, regras e sugestões de hábitos saudáveis de alimentação. Na letra **B**, por exemplo, temos:

Sou o **B** de **B**oca limpa, sou **B** de **B**anho frio,  
sou **B** **B**rincação:  
trago **B**ife com **B**ertalha,  
para um **B**atalhão!  
(...)

O recurso sonoro que se destaca é, quase sempre, a aliteração, como se pode observar, também, em **P**:

(...)  
Sou o **P** que **P**aga tudo,  
sou o **P** que **P**ede os **P**reços,  
sou o **P**, sou o **P**, que tenho **P**omar!  
Sou o **P** do **P**rato e da **P**anelinha!  
(...)

A musicalidade desses e de quase todos os poemas do livro decanta um pouco seu objetivo, que é o de ensinar. Trata-se de uma obra de propaganda e não artística, conforme o último parágrafo da apresentação feita pelos autores: “*A Festa das Letras* procura ser um pretexto agradável para fazer chegar às crianças, revestidos de certo encantamento, esses primeiros preceitos de higiene alimentar, indispensáveis à sua vida.”

Alguns anos depois, na década de 1960, Cecília Meireles publica seu *Ou isto ou aquilo*, uma das obras mais importantes da poesia infantil brasileira. Neste livro, embora não traga um ABC, brincou com a sonoridade das letras em quase todos os poemas. E, em “O mosquito escreve”, apresenta a façanha do mosquito que escreve seu próprio nome:

O Mosquito pernilongo  
trança as pernas, faz um **M**,  
depois, treme, treme, treme,  
faz um **O** bastante oblongo,  
faz um **S**.

O mosquito sobe e desce.  
Com artes que ninguém vê,  
faz um **Q**,  
faz um **U** e faz um **I**.

Esse mosquito esquisito  
cruza as patas, faz um **T**.

E aí, se arredonda e faz outro **O**,  
mais bonito. (...) (MEIRELES, 1994, p. 810)

Na década de 1940, Mario Quintana publica *O batalhão das letras*, obra que mantém uma atualidade surpreendente. Trata-se de um livro quase integralmente em quadras (com exceção da letra W), com versos setissilábicos e rimas entre o segundo e o quarto versos. O ritmo, portanto, é ágil e contaminante. Uma peculiaridade é o fato de praticamente todas as letras serem tematizadas ora através de seu formato, ora por iniciar determinadas palavras, ou ainda por suas

qualidades. O procedimento que mais se repete no início de cada verso é, por exemplo: “Por C se escreve CACHORRO”. A abordagem da letra P atém-se sobre a poesia, valorizando a experiência poética de cada leitor, sem, portanto, colocar o poeta como alguém privilegiado. Vejamos:

Quem diz que ama a POESIA  
E não a sabe fazer  
É apenas um POETA inédito  
Que se esqueceu de escrever...

Mas as letras podem trazer contradições ou apontar experiências diferentes, como se percebe na poetização da letra F: “Com F se escreve FUGA,/ FRADES, FLORES E FORMIGAS/ E as crianças malcriadas/ Com F é que fazem FIGAS.”

Um aspecto importante observado no *Batalhão das Letras* é a ausência do tom moralístico, do desejo precípua de ensinar. Por exemplo, uma das poucas referências à escola se dá como lamento pela nota Zero, atribuída aos menininhos, e não de cobrança ou lição, conforme se observa com a letra Z:

O Z é a letra da ZEBRA,  
E a letra das mais infames.  
Com um Z os menininhos  
Levam ZERO nos exames.

Destaque-se que, quando o poeta traz um saber ou ensinamento, a ideia da quadra é a valorização do sentido que ele atribui à palavra, e não meramente se é escrita com H ou sem H (como hoje e ontem):

Com H se escreve HOJE  
Mas “ontem” não tem H...  
Pois o que importa na vida  
É o dia que virá!

Em obras importantes da poesia para crianças no Brasil, como *O menino poeta*, de Henriqueta Lisboa, *A dança dos pica-paus* e *A televisão da bicharada*, de Sidónio Muralha, *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, as letras do alfabeto não são poetizadas.

Só com José Paulo Paes teremos novamente um livro integralmente voltado para a abordagem lúdica das letras. Trata-se de *Uma letra puxa outra*, publicado em 1992. A obra mantém o mesmo nível de ludismo sonoro e semântico de *O batalhão das Letras*, anteriormente observado. Do ponto de vista do ritmo, há diversidade na construção dos versos. Predominam versos de 7 e 8 sílabas, mas aparecem também versos de 4, 5 e 9 sílabas. Embora a quadra seja o tipo de estrofe escolhida, o poeta não se atém ao modelo popular de construção em redondinha maior. Percebe-se uma grande variedade de ritmos e sonoridades, advindos de assonâncias, aliterações, rimas e ecos. A toda esta riqueza acrescenta-se, ainda, a exploração da ambiguidade das palavras, a brincadeira com a homonímia e sugestões visuais. Destaquemos alguns poemas que ilustram bem o valor estético da obra:

O B BERRA NO BEBÊ  
BATE NA BIGORNA,  
BIMBALHA NO BADALO  
BOM DE BARULHO, O B

A letra, aqui, é explorada por uma sugestão sonora e sua construção, com a repetição do fonema, ou seja, “casa” com perfeição som e sentido. A bilabial **B**, cujo som (“berra”) se projeta em várias palavras, é “bom de barulho.” Já com a letra **H** temos a brincadeira de apontar como uma palavra se transforma em outra, com a retirada de uma letra. Por exemplo, sem o **H**, *filha* vira *fila*, *malha* vira *mala*; seu acréscimo também tem o mesmo efeito, como a *mana* que vira *manha*, quando acrescida do **N**. O mesmo procedimento é utilizado com a letra **L**.

Já com a letra **N**, o poeta brinca com a mudança de sentido no âmbito da classe de palavras: *Nada* – substantivo; e *nada* – segunda pessoa do presente do indicativo do verbo nadar. A dimensão visual da letra é trabalhada com o **O**, que “é oval como um ovo/ ou redondo como um olho/ Pequeno como uma pulga/ ou grande como um repolho.” Na brincadeira com o **R**, o poeta parte do motivo popular (“O rato roeu a roupa do rei de Roma”), mas dá uma guinada: o rei agora é da Rússia e o rato “ri de raiva da rainha/sem reçar a ratoeira”. Situações de brincadeiras linguísticas são também trabalhadas, como com o **S**, em que o “sapo saltou na sopa/de um sujeito”. As contradições de sentido entre palavras de sonoridade próxima também são exploradas, como na letra **F**, que traz uma pergunta e mostra a proximidade entre “fogo”, “fagulha” e “fornalha” e, ao mesmo tempo, o contraste com “frio”.

Todo esse percurso rico de sons, de construções de sentido, de inventividade, por certo, estimula a imaginação do leitor (não apenas o mirar, em formação). Uma letra, especificamente, traz uma reflexão metalinguística que indica a concepção do poeta de que não deseja ensinar nada a ninguém, apenas chamar a atenção para a dimensão poética das letras e das palavras:

POR **P** PRINCIPIA “PALAVRA”,  
 POR **P** PRINCIPIA “POESIA”  
 POIS PALAVRA SEM POESIA  
 NÃO PARECE NEM PALAVRA.

Após a publicação do livro de José Paulo Paes, outros ABCs apareceram no mercado, como *No balancê do ABECÊ*, de Elias José (1996), *A poesia do Abc*, de Alcides Buss (1994), *O abecedário do Millôr para crianças* (2004) e, mais recentemente, *Abc futebol clube*, de Mário Alex Rosa (2015). Merece destaque o livro *Quem lê com pressa tropeça: o abc do trava-língua*, de Elias José (1998). O poeta alia a tradição do ABC à tópica dos trava-línguas, que tem grande enraizamento na cultura oral popular. Segundo Bordini (1986, pp. 24-5), os trava-línguas “são poemas que jogam com a duplicação de fonemas de difícil articulação, somado a trocas vocálicas e consonantais, dos quais o ‘Ninho de magafagos’ é dos mais populares (...)” Lembra ainda a pesquisadora “que os trava-línguas primam por manter o trabalho articulatório do significante acima do significado (...)” (p. 24).

No âmbito da literatura de cordel, a conhecida *Peleja de Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum*, de João Firmino do Amaral, se resolve com um trava-língua, proposto por Aderaldo, que leva o oponente, até então imbatível, a se atrapalhar com as letras e perder a contenda. O referido trava-língua, que ficou mais conhecido numa canção de Luiz Gonzaga, é o seguinte (com variações): “Quem a paca cara compra/ paca cara pagará”.

O trava-línguas encanta crianças e jovens pelo desafio de pronunciar determinadas sequências textuais; os desacertos levam, conseqüentemente, ao riso dos ouvintes. Trata-se de um gênero eminentemente oral e coletivo. O livro de Elias José tem momentos significativos de ludismo com as palavras e letras. Vejamos alguns:

**B**  
 Um bode bravo  
 é uma barra!  
 E o bode berra  
 e o bode baba  
 na barba.

A aliteração do /b/ através da alternância de palavras (bravo, barra, berra, baba, barba) cria uma certa dificuldade para leitores pouco acostumados com estas brincadeiras. Noutro poema, quando explora o som de vogais, a assonância ganha destaque, como se pode observar no poema com a letra I (início – índio – rio – viu, Iara...).

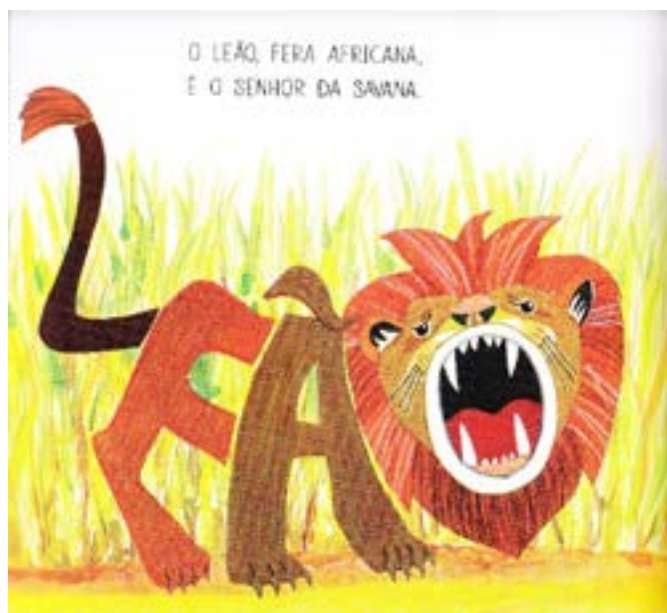
De maneira geral, o autor não se fixa na poetização das letras, como ocorre com Quintana e Paes. Seu ponto de destaque é a criação de situações as mais diversas, envolvendo diferentes personagens, como crianças, padre, índio, vovô, rato e muitos outros.

Roseana Murray com seu *Manual da delicadeza de A a Z*, traz sua contribuição para a forma do ABC, mas o público pretendido não é propriamente a criança. Aqui também a poetisa não se volta para as letras em si. Cada palavra, iniciada por uma letra do alfabeto, é apresentada por seu viés de delicadeza, fantasia, de imagens sugestivas, com alguns resultados significativos. No rol das palavras escolhidas, temo Afago, Bem-estar, Carícia, Dádiva, mas também substantivos concretos, como Fonte, Gavetas, Jardim e alguns Pássaros. Os poemas pressupõem um leitor mais experiente, dado o caráter às vezes mais abstrato da linguagem. Em Carícia, a pele é o elemento que aciona as metáforas do poema: “A pele é mar; “A pele é cântaro”; “A pele é o mapa”. É a partir da pele, do toque, que a carícia se materializa e, na linguagem do poema, com toda delicadeza.

Destaque-se ainda uma obra recente, de grande valor, que alia palavra *versus* imagem de modo bastante renovador. Trata-se do livro *Bicholetra*, de Maté (2013). A obra é composta de dísticos com imagens de animais formados com as próprias letras dos respectivos nomes. Predomina a exploração lúdica das palavras seguindo a tradição do ABC, mas em dísticos. Veja-se os exemplos abaixo (tendo em vista que a imagem aqui é central, transcrevemos conforme página do próprio livro):







No primeiro, a ilustração do pássaro, formado por letras, em azul, conjuga cor e situação do animal (“ave azul e rara”). O segundo, destaca-se aproveitamento das letras para formar o corpo do leão: o rabo, formado pelo L, o corpo pelo E e A e O formando o rosto. Como nos demais poemas, a cores estão sempre em diálogo com a cor do animal e o ambiente que ele integra.

### Uma prática sempre questionável

Em artigo ainda da maior importância, denominado “Poesia: uma frágil vítima da escola”, Marisa Lajolo (1993) discute os principais problemas de abordagem da poesia infantil na escola em seu contexto, apontando, inclusive a pobreza com que os LDs trabalhavam um importante poema de Cecília Meireles. Duas questões são trazidas por Lajolo de modo pioneiro nas reflexões sobre o ensino da poesia: primeiro, a afirmação de que “Qualidade de texto é imprescindível, mas não é tudo.”<sup>4</sup> (p. 43); segundo, “Leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera da cultura” (p. 45). No mesmo ensaio ela lança mão de uma categoria importante, trabalhado pela estética da recepção, que é o de “horizonte de expectativa”<sup>5</sup>. Estas duas questões foram de grande estímulo para se buscar metodologias que estimulem a interação texto *versus* leitor.

No início do século XXI, quase trinta anos após a publicação de Lajolo, Pinheiro (2001) aponta a permanência de vários “desencontros” entre poesia e livro didático. O autor mostra que há um avanço com relação aos problemas apontados por Lajolo, uma vez que os livros trazem agora poemas de qualidade estética comprovada. No entanto, o modo de aplicação não estimula em nada o diálogo com o texto, dentre outras questões.

4 Tanto Lajolo quanto Cademartori, na década de 1980, apontam um reduzido número de livros de poemas para crianças com qualidade estética. O contexto atual é um pouco diferente. Há, já, um número significativo de obras como se pode observar em pesquisas voltadas para a poesia infantil. Veja-se a este respeito Ceccantini e Aguiar (2012).

5 Esta categoria, que comparece na VIII tese de Jauss (1994), é retomada por Aguiar e Bordini (1988), quando trabalham o método recepcional. Segundo as autoras, o horizonte de expectativa do leitor “é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, sócio-históricas e normas filosóficas, religiosas, estéticas, jurídicas, ideológicas, que orientam ou explicam tais vivências.” (BORDINI e AGUIAR, 1988, p. 87)

Portanto, se a poesia infantil ostenta obras que retomam a tematização das letras do alfabeto de modo lúdico, por outro lado, os livros didáticos continuam lançando mão de poemas de modo bastante limitado. Letras e palavras que se repetem em poemas são estudados meramente para ensinar ortografia. O que parece difícil de ser assimilado pelos autores destas obras é que a leitura lúdica pode, sim, levar a criança (e qualquer leitor) a aprender o uso adequado do C o do S, do ss ou ç, etc, mas este não deveria ser o objetivo do trabalho com os poemas que brincam com as letras. Portanto, o tempo maior de apreciação do poema deveria se sobrepor ao pragmatismo de querer ensinar um conteúdo a todo custo.

Em pesquisa em que compara a abordagem de poemas infantis em livros didáticos ao longo de três décadas (década de 80 e 90 do século passado e primeira década do século XX), Aline M. Alves (2012), conclui que:

(...) tendo em vista que a pesquisa foi anunciada (no final do parágrafo anterior) no decorrer dos anos, a quantidade de poemas presentes nos livros didáticos aumentou, mas em compensação, a abordagem vem mudando lentamente (...) Muitas abordagens ainda estão presas, mais a definições (o que é verso, rima, estrofe), do que à apreciação e à vivência mais cotidiana com os poemas. A experiência lúdica, a ativação da fantasia, os elementos que motivam o leitor, estão à margem do ensino (...) (ALVES, 2012, pp. 103-4)

Recolho apenas um exemplo desta atitude, vastamente presente nos livros didáticos da primeira fase do ensino fundamental, em que se utiliza a quadra de *O batalhão das Letras*, de Mario Quintana. Observemos o exemplo:

**DE OLHO NA ESCRITA: EMPREGO DAS LETRAS H, CH, LH, NH E X**

**A LETRA H**

Leia, com o auxílio do professor, estes dois poemas:


Com H se escreve HOJE  
Mas "ontem" não tem H...  
Pois o que importa na vida  
É o dia que virá!

(Mário Quintana. *O batalhão das letras*. 5. ed. Porto Alegre: Globo, 1999. p. 11.)

**H DE HORA**

Há hora pra tudo, dizem,  
e tudo tem sua hora  
mas ninguém fez no relógio  
a hora de não ter hora.

(Elza Beatriz. In: Vera Aguiar, coord. *Poesia fora da estante*. Porto Alegre: Projeto, 1995. p. 21.)



(Apud ALVES, 2013, p. 89)

Como se pode observar, a chamada é clara com relação à intenção: estudar o “emprego das letras”. Em nenhum momento, nos exercícios que se seguem, é estimulada a percepção sobre a dimensão lúdica das duas estrofes, o modo como tratam o tema ou mesmo a ilustração proposta no livro didático. Os poemas funcionam como mero pretexto para ensinar determinado conteúdo.

Neste sentido, se o professor, ao invés de meramente aplicar a atividade sugerida pelo livro didático, trabalhasse o poema de uma perspectiva lúdica, favoreceria uma vivência poética em que não teria lugar para o pragmatismo do aprender e, sim, a alegria de degustar os sons e seus possíveis efeitos de sentido, ou mesmo o mero encanto com a sonoridade.

## Conclusão

Não há como controlar o ato de ler. Mesmo em silêncio, o leitor poderá guardar sentidos do que leu, embora não autorizados pela escola e pelo professor. É como a criança que cria uma brincadeira nova com um objeto que, aparentemente, nada significava. O poema, portanto, pode ser aproveitado de modo pragmático, teleguiado por uma interpretação pré-fabricada (independente, inclusive, de ser bem elaborada), prendendo-se no mero ensinamento, apontado no exercício escolar. Mas o leitor tem liberdade ir além, de não ler apenas para apreender o uso das letras – o vocabulário, a ortografia – e, sim, mergulhar em sua sonoridade, nas sugestões visuais, nas contradições, na imaginação que pode ser acionada pelas imagens. Sob essa perspectiva, o eixo não é mais ensinar – pelo menos, não ensinar um conteúdo.

Se mudarmos o eixo do ensinar para o do apreender, a partir do mergulho pessoal que o leitor realiza com a leitura, poderemos dizer que os versos dos ABCs, a festa das letrinhas, possibilitam uma aprendizagem difícil de ser mensurado, mas essencial à vida. Trata-se de um aprendizado da descoberta, do aprender a desconfiar dos sentidos únicos, aprender a ouvir e se encantar com os sons (e também a recusá-los), dar continuidade à atividade de associar coisas aparentemente díspares. Estimular esse tipo de vivência com as letras, com as palavras pode contribuir para a formação de leitores de literatura, para a educação literária – de onde surgem os leitores da “palavra-mundo”, de que falou de modo tão significativo Paulo Freire.

Esta aprendizagem não se esgota no mero aprender a diferenciar uma letra de outra, uma palavra de outra (a criança faz isto a cada segundo em casa, na rua, vendo placas, observando diferentes registros). Trata-se de um mergulhar no mistério das palavras e nos sentidos que elas nos colocam. E isto pode começar bem cedo e de modo lúdico, aproveitando a rica tradição poética oral e obras como algumas discutidas neste artigo. Se o leitor (sempre em formação) for capaz de cultivar um eterno estranhamento diante das palavras (e das histórias), estará aprendendo não meramente como se escrevem determinadas palavras, mas, antes, apreendendo todo o encanto que delas emana. Pois a força da palavra, sua estranha potência, como nos ensinou Cecília Meireles, é algo muito mais rico do que normalmente acreditamos: “Ai, palavras, ai, palavras,/ que estranha potência, a vossa!/ todo o sentido da vida;” (MEIRELES, 1994, p. 576)

## Referências

AGUIAR, V. T. e BORDINI, M. da G. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALVES, Apolônio. *O ABC da Cachaça*. Edição do autor, s/d.

ALVES, J. H. Pinheiro. “Diga um verso bem bonito”. In: CAMARGO, Goiandira O. et all. *Olhar o poema: teoria e prática do letramento poético*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2012.

- \_\_\_\_\_. Abordagem do poema: roteiro de um desencontro. In: DIONÍSIO, A. P. e BEZERRA, M. A. (org). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- ALVES, Aline Muniz. *O poema infantil em livros didáticos do ensino fundamental*. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) Unidade Acadêmica de Letras, UFCG, Campina Grande, PB, 2013.
- ASSARÉ, Patativa. *Cordel*. São Paulo: Hedra, 2000. (Biblioteca de Cordel)
- AGUIAR, V. T. e CECCANTINI, J. L (org). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2012.
- BATISTA, Sebastião N. *Poética popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- BORDINI, M. da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1984.
- FERNANDES, Millôr. *Abecedário do Millôr para crianças*. Imagens de Guto Lins e Susan Johnson. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. Sérgio Telaroli. São Paulo: Ática, 1994.
- JOSÉ, Elias. *Quem lê com pressa tropeça: o ABC do trava-línguas*. 11.ed. Ilustração Néelson Cruz. Belo Horizonte: Editora Lê, 1998.
- LAJOLO, Marisa. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: \_\_\_\_ *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.
- MATÉ. *Bicholetra*. São Paulo: Editora Globo, 2013.
- MEIRELES, Cecília, CASTRO, Josué de. *A festa das letras*. Ilustração Maurício Veneza. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1987.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.
- MURRAY, Roseane. *Manual de delicadeza: de A a Z*. Ilustração de Elvira Vinha. São Paulo: FTD, 2001.
- PAES, José Paulo. *Uma letra puxa a outra*. Ilustração: Kiko Farkas. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PONDÉ, Glória M. Fialho. “Poesia e folclore para a criança”. In: ZILBERMAN, R. (org) *A produção cultural para criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- QUINTANA, Mario. *O batalhão das letras*. 4.ed. Ilustração Eva Furnari. São Paulo: Globo, 1997.
- PINHEIRO, Hélder, MARINHO, Ana Cristina. *O cordel no cotidiano escolar*. São Paulo: Cortez, 2012.
- ROSA, Mário Alex. *O ABC Futebol Clube*. Belo Horizonte: Aletria, 2015.
- SANTOS, Apolônio Alves dos. *ABC do jogo do bicho e suas revelações*. Duque de Caxias: Gráfica Luana, 1985.
- SOUZA, Liedo M. de. *Classificação popular da Literatura de cordel*. Petrópolis, VOZES, 1976